

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

FERNANDA DE OLIVEIRA FREITAS

**DÍALOGOS COM ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS: UMA EXPERIÊNCIA DE
LEITURA E ESCRITA COM PRÉ ADOLESCENTES EM UMA CASA DE
ACOLHIMENTO NA CIDADE DE BAGÉ/RS**

**Bagé
2023**

FERNANDA DE OLIVEIRA FREITAS

**DIÁLOGOS COM ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS: UMA EXPERIÊNCIA DE
LEITURA E ESCRITA COM PRÉ ADOLESCENTES EM UMA CASA DE
ACOLHIMENTO NA CIDADE DE BAGÉ/RS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Línguas Adicionais Inglês Espanhol e Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Licenciatura em Letras Línguas Adicionais.

Orientador: Prof. Dr. Moacir Lopes de Camargos

**Bagé
2023**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

866a Freitas, Fernanda de Oliveira
DIÁLOGOS COM ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS: UMA
EXPERIÊNCIA DE LEITURA/ESCRITA COM PRÉ ADOLESCENTES EM
UMA CASA DE ACOLHIMENTO NA CIDADE DE BAGÉ/RS.
56 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)- Universidade Federal
do Pampa, LETRAS - LÍNGUAS ADICIONAIS INGLÊS, ESPANHOL E
RESPECTIVAS LITERATURAS, 2023.
"Orientação: Moacir Lopes de Camargos".

1. escrita. 2. gênero discursivo. 3. escuta. 4. aprendizagem . I. Título.

FERNANDA DE OLIVEIRA FREITAS

**DIÁLOGOS COM ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS: UMA EXPERIÊNCIA DE
LEITURA/ESCRITA COM PRÉ ADOLESCENTES EM UMA CASA DE ACOLHIMENTO NA
CIDADE DE BAGÉ/RS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras - Línguas Adicionais: Inglês, Espanhol e Respectivas Literaturas, do Campus Bagé, da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

TCC defendido e aprovada em: sete de dezembro de dois mil e vinte três.

Banca examinadora:

Prof. Dr. MOACIR LOPES DE CAMARGOS

Orientador
UNIPAMPA

Profa. Dra. DÉBORA CORTEZ BOSCO

EMEF Prof. Peri Coronel

ÍCARO OLANDA
ONG Casa do Caminho - Artur Nogueira, SP



Assinado eletronicamente por **MOACIR LOPES DE CAMARGOS, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 08/12/2023, às 15:33, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ICARO CESAR CAINAN DA CUNHA CLARO OLANDA, Usuário Externo**, em 09/12/2023, às 11:57, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **DÉBORA DE MACEDO CORTEZ BOSCO, Usuário Externo**, em 11/12/2023, às 10:17, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1323782** e o código CRC **4A339A32**.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é analisar cartas redigidas por pré-adolescentes para os personagens do livro *As aventuras de Alice no país das maravilhas (1865)*, escrito por Charles Lutwidge Dodgson sob o pseudônimo de Lewis Carroll. A geração dos dados para pesquisa de caráter qualitativo ocorreu durante o segundo semestre de 2022 e o primeiro semestre de 2023, em uma casa de acolhimento para crianças e adolescentes dos (0-18 anos) em Bagé/RS. Para o trabalho de leitura, composta por três participantes de 9, 12 e 13 anos de idade, foram selecionados quatro momentos para desenvolvimento do projeto: Visita 1 (Perguntas; apresentação da interlocutora e da obra utilizada); Visita dois: (Leitura dos capítulos 1, 2, 3, 4, e 5 e escrita primeira carta); Visita 3 (Resposta das cartas; Recapitular a visita dois; Leitura dos capítulos: 6, 7 e 8 e escrita da carta 2); Visita 4 (Recapitular capítulos; Leitura dos capítulos: 9, 10, 11 e 12; Desenho final e entrega dos livros). Para análise dos dados tomou-se como referencial as reflexões sobre gêneros discursivos, sob a ótica de Bakhtin (2000), sobre as concepções de linguagens segundo Geraldini (2004) e sobre signo, ideologia, dialogia sob a visão de Bakhtin (2000). Estes referenciais guiaram a análise dos dados gerados. Os resultados mostraram que os participantes ainda estão em processo de aprendizagem da escrita e embora eles não conhecessem a construção composicional do gênero carta, souberam ouvir a interlocutora e relataram suas histórias ao respondê-la.

Palavra chave: escrita; gênero discursivo; escuta; aprendizagem.

ABSTRACT

The aim of this research is to analyze letters written by pre-adolescents to the characters in the book *Alice in Wonderland* (1865), written by Charles Lutwidge Dodgson under the pseudonym Lewis Carroll. The data for the qualitative research took place during the second half of 2022 and the first half of 2023, in a foster home for children and adolescents (0-18 years old) in Bagé/RS. For the reading work, consisting of three attendees aged 9, 12 and 13, four moments were selected for the development of the project: Visit 1 (Questions; presentation of the interlocutor and the work used); Visit two: (Reading of chapters 1, 2, 3, 4, and 5 and writing the first letter); Visit 3 (Response to the letters; Recap of visit two; Reading of chapters: 6, 7 and 8 and writing of letter 2); Visit 4 (Recap of chapters; Reading of chapters: 9, 10, 11 and 12; Final drawing and delivery of the books). In order to analyze the data, we used Bakhtin's (2000) reflections on discursive genres, Geraldi's (2004) conceptions of language and Bakhtin's (2000) views on signs, ideology and dialogism. These references guided the analysis of the data generated. The results showed that the participants are still in the process of learning to write and, although they did not know the compositional construction of the letter genre, they knew how to listen to the interlocutor and related their stories when answering her.

Key words: writing; discursive genre; listening; learning.

RESUMEN

El objetivo de esta investigación es analizar las cartas escritas por preadolescentes a los personajes de *Alicia En El País de Las Maravillas* (1865), escrito por Charles Lutwidge Dodgson bajo el seudónimo de Lewis Carroll. Los datos para la investigación cualitativa tuvieron lugar durante el segundo semestre de 2022 y el primer semestre de 2023, en una casa de acogida para niños y adolescentes (0-18 años) en Bagé/RS. Para el trabajo de lectura, compuesto por tres participantes de 9, 12 y 13 años, se seleccionaron cuatro momentos para el desarrollo del proyecto: Visita 1 (Preguntas; presentación del interlocutor y del trabajo utilizado); Visita dos: (Lectura de los capítulos 1, 2, 3, 4 y 5 y escritura de la primera carta); Visita 3 (Respuesta a las cartas; Recapitulación de la visita dos; Lectura de los capítulos: 6, 7 y 8 y escritura de la carta 2); Visita 4 (Recapitulación de los capítulos; Lectura de los capítulos: 9, 10, 11 y 12; Dibujo final y entrega de los libros). Para analizar los datos, tomamos como referencia las reflexiones sobre los géneros discursivos, desde la perspectiva de Bajtín (2000), sobre las concepciones de las lenguas según Geraldí (2004) y sobre los signos, la ideología y el diálogo desde la perspectiva de Bajtín (2000). Estas referencias guiaron el análisis de los datos generados. Los resultados mostraron que los participantes aún están en proceso de aprendizaje de la escritura y, aunque no conocían la construcción compositiva del género carta, sabían escuchar a la interlocutora y relataban sus historias al responderle.

Palabras clave: escritura; género discursivo; escucha; aprendizaje.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Foto do encontro: Fantasia de Rainha de copas.....	24
Figura 2– Carta participante A.....	26
Figura 3- Carta participante B.....	27
Figura 4- Carta resposta participante A.....	32
Figura 5- Carta resposta participante B.....	33
Figura 6- Carta nº 2- participante A.....	34
Figura 7- Carta nº 2- participante B.....	35
Figura 8- Carta nº 1 - participante C.....	36
Figura 9- Desenho participante A.....	38
Figura 10- Desenho participante B.....	39

LISTA DE QUADRO

Quadro 1- Questões diagnósticas	22
Quadro 2- Cronograma.....	55

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.2 PERGUNTAS DE PESQUISA	15
1.3 Objetivos	15
1.3.1 Objetivo Geral.....	15
1.3.2 Objetivos Específicos.....	15
2 CONCEITOS GERAIS E REVISÃO DE LITERATURA	17
2.1 Gênero cartas.....	18
2.2 Gênero discursivo.....	18
2.2.1 Concepções de linguagem.....	19
3 METODOLOGIA	21
4 ANÁLISES	22
4.1 Avaliação diagnóstica.....	22
4.2 Leitura.....	23
4.2.1 Primeiro Dia.....	23
4.2.2 Segundo Dia.....	30
4.2.3 Terceiro Dia.....	37
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43
APÊNDICES	45

1 INTRODUÇÃO

Alice espiou uma ou duas vezes o livro que estava lendo, mas não tinha figuras nem diálogos, “E de que serve um livro”, pensou Alice, “Sem figuras nem diálogos?”. (Lewis Carroll)

Você já parou para pensar para que serve um livro sem figuras? Eu, na idade de Alice, não via sentido em livros com muito diálogo, muita enrolação, pois gostava das ilustrações, ia nas feiras de livros somente para descobrir um universo novo e, claro, ilustrações novas em cada banca que eu resolvesse explorar.

Minha aventura com os livros começou logo quando pequena, na Escola Tia Lêda - Bagé, RS. Lá era muito especial, pois havia um tesouro escondido, o que chamávamos de biblioteca infantil de Bagé/RS. Esse era meu lugar favorito e estava sempre à procura de novas aventuras literárias, mas havia um segredo meu que não queria que ninguém soubesse até agora: eu não era alfabetizada, mas amava os livros.

Então, graças aos livros foi possível chegar à fase do letramento com facilidade, que, segundo Marcuschi (2010) diz, “letrado é o indivíduo que participa de forma significativa de eventos de letramento e não apenas aquele que faz um uso formal da escrita.”

Conforme este autor eu já estava inserida nos eventos de letramento, pois aprendia a ler o mundo ao meu redor. Ainda, como menciona Freire (1983): “refiro-me que a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”. Na proposta referida acima, este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente.

Comecei primeiro assim, lendo as ilustrações dos livros e as situações ao meu redor, pois já sabia quando o tempo estava feio e entendia o temperamento das pessoas de minha casa como, por exemplo: os dias em que minha mãe estava brava era possível saber só pela forma como ela varria a sala ou se meu pai estava cansado só pela forma de ele sentar na poltrona.

Com o passar dos anos, o tempo de leitura foi aumentando, bem como a apreciação da arte. Foi assim que me aventurei nos livros sem figuras e, com isso, aprendi que melhor do que ver as imagens é imaginá-las. Dito isso, fui levada para um certo país das maravilhas, através do Livro Alice no país das maravilhas, onde tudo é válido desde que você saiba imaginar/fantasiar.

Em uma dessas minhas visitas ao “país das maravilhas” fiz-me a mesma pergunta da Lagarta (personagem do livro): quem sou eu? foi tentando responder a essa pergunta que meu lado social foi colocado em prática.

Aos 20 (vinte) anos de idade, ingressei em um grupo de jovens líderes (Rotaract¹) em que me deparei com uma realidade desconhecida, pois tive a primeira experiência de voluntariado, a qual deixou novas marcas nesta caminhada e clareza em relação à pergunta inicial.

Em um dos encontros do grupo de jovens, o mais especial foi no dia 23 (vinte e três) de outubro de 2022, quando realizamos uma festa de Halloween na *Halloween* na Casa de acolhimento somente para meninas². Foi a primeira vez que “pulei na toca do coelho” e conheci a realidade daquelas meninas moradoras da casa de abrigo. Nesse local realizamos alguns projetos e percebeu-se que a maioria das meninas não tinham contato com livros. Naquele momento, foi informado através da coordenadora que elas possuíam uma lacuna grande no campo dos letramentos, por vários motivos, o que prejudicou o projeto de leitura.

Com isso, no dia 02 (dois) de setembro de 2023, o local foi trocado para uma casa de acolhimento que atende meninos ou Irmãos, onde havia mais crianças, não só as meninas, mas também os seus irmãos, o que facilitou o projeto de leitura, pois lá tinha uma pequena biblioteca e uma sala ampla, oportunizando a realização das atividades com as crianças.

¹ O Rotaract une jovens a partir de 18 anos para trocarem ideias, aprimorarem suas habilidades de liderança, ajudarem o próximo e se divertirem ao longo do caminho. Em todo o mundo, associados do Rotary e do Rotaract trabalham lado a lado em projetos humanitários.

² casa de acolhimento para meninas que foram destituídas de suas famílias e necessitam da assistência do Estado.

Explicitado o contexto em que ocorreu a aplicação da atividade de leitura e escrita, pretende-se que esta pesquisa exploratória tenha proporcionado experiências positivas e incentivadoras às crianças acolhidas, pois, conforme nos explica Larrosa (2011), quando um leitor lê, precisa se transformar com aquela experiência de leitura, no caso, para ele, se lemos algo e não sentimos nada, não fizemos nenhuma experiência, ou seja, é essencial que existam experiências, mas que estas sejam transformadoras.

Deste modo, a experiência decorreu, inicialmente, pela escuta de uma narrativa para, após, escrever uma carta.

É importante observar que o fato de se mostrar vulnerável ao não saber como escrever este gênero é também uma parte da experiência pessoal de cada participante, embora eles responderam no questionário, aplicado antes do início da atividade, que conheciam o gênero carta.

Consoante ao explanado, o início deste projeto de leitura ocorreu em 02 (dois) de setembro de 2022, por meio do qual realizou-se um estudo exploratório no lar dos irmãos³, casa de acolhimento situada na cidade de Bagé, RS. Lembro-me muito bem deste dia, pois estava um pouco nervosa por ter de conversar com a coordenadora, pensando se ela aceitaria ou não a proposta, mas, durante o tempo em que conversamos, ela foi muito solícita e adorou a ideia, permitindo a realização das atividades de leitura e escrita.

Num primeiro momento, foi feita uma entrevista com a coordenadora, visando obter respostas às seguintes questões:

- 1) *Qual a faixa etária das crianças?*
- 2) *O Lar possui biblioteca?*
- 3) *Quais atividades são desenvolvidas relacionadas à leitura e à escrita?*

Diante destas perguntas, obtive as seguintes respostas:

- 1) Com relação à faixa etária, as idades variam entre 04 a 17 anos.

Já para o segundo questionamento:

- 2) Constatei que o Lar possui uma biblioteca com muitos livros infantis, mas, dentre os vários títulos disponíveis, não foi localizado o livro de *Alice no país das maravilhas*.

No que diz respeito ao terceiro questionamento:

³ O lar é uma casa de acolhimento para crianças que foram destituídas de suas famílias e necessitam da assistência do Estado.

- 3) Quanto a utilização da biblioteca, foi informado que esporadicamente há rodas de leituras desenvolvidas por profissionais da área de psicologia.

Dessa forma, foi possível desenvolver uma abordagem adequada ao propósito principal deste estudo, ou seja, propor uma atividade de leitura/escrita tendo como base a obra *As aventuras de Alice no país das maravilhas (1865)*, escrito por Charles Lutwidge Dodgson sob o pseudônimo de Lewis Carroll, sendo em meu ponto de vista, uma narrativa que melhor dialoga com a idade e com a situação desses pré-adolescentes, que assim como Alice também podem estar se sentindo em um país desconhecido.

A partir do breve relato, é importante frisar que esses pré-adolescentes irão escrever cartas para os personagens que serão lidas por mim (interlocutora) e respondidas pelos personagens ao qual eles dedicaram a cartas e que a voz desse personagem na carta é vivido pela interlocutora.

Com base nisso, adveio a seguinte pergunta de pesquisa, bem como a elaboração dos objetivos e a descrição da pesquisa que serão explicitados a seguir.

1.1 Pergunta de pesquisa

A partir de um trabalho de leitura-escuta-escrita com o livro Alice no país das maravilhas, quais enunciados trouxeram os sujeitos envolvidos nas atividades propostas ?

1.2 Objetivo Geral

Analisar as cartas redigidas por pré-adolescentes em uma casa de acolhimento em Bagé/RS, com base nos conceitos desenvolvidos por Bakhtin, ou seja, exploraremos os enunciados destas cartas e o que eles querem nos dizer, em relação a visão de mundo desses pré-adolescentes (idade de 9 a 13 anos).

1.3 Objetivos Específicos

- a) Refletir sobre uma Roda de leitura interativa a partir da obra *Alice no país das maravilhas* de Lewis Carroll realizada com os pré-adolescentes;

- b) Analisar as cartas produzidas pelos pré-adolescentes participantes e a percepção destes em relação ao processo de escuta/escrita, ou seja, o que as cartas estão querendo nos dizer por meio de signos escritos?

Este trabalho está organizado em cinco capítulos. Nessa introdução, apresentei brevemente minha vivência no campo dos letramentos e minha motivação para realizar um projeto de leitura em uma casa de acolhimento, além dos objetivos. Nos capítulos seguintes, serão abordados os conceitos, sobre os gêneros discursivos, gênero cartas e concepção de linguagem, seguido pelos capítulos metodologia, análise das cartas e as considerações finais.

2 CONCEITOS GERAIS

Neste capítulo relato sobre gêneros discursivos, sob a ótica de Bakhtin (2000), gênero cartas, trazendo a autora Camini (2012) para discussão, em seguida, discurso sobre as concepções de linguagens segundo Geraldi (2004) e sobre signo, ideologia, dialogia sob a visão de Bakhtin (2000) que guiarão a análise das cartas.

2.1 Gênero discursivo

Segundo Bakhtin (2000), para se comunicar, a sociedade o faz por meio do que ele denomina de gêneros discursivos. Assim, cada esfera (acadêmica, religiosa, familiar, etc) utiliza determinados tipos de gêneros como, por exemplo, na esfera acadêmica sempre utilizamos artigos, resenhas e resumos que não são comuns em outras esferas da organização social. O autor observa que os gêneros mudam de acordo com as mudanças que ocorrem na sociedade. Antigamente, era muito comum escrevermos cartas, telegramas, o que não o fazemos da mesma forma nos dias de hoje, pois temos e-mail, mensagens por telefone, dentre outros recursos tecnológicos.

Para fins didáticos e não meramente de classificação, Bakhtin (2000) explica que os gêneros podem ser primários (mais simples e próximos da oralidade) ou secundários (mais complexos e próximos da escrita), mas isso não significa uma hierarquia de importância ou valor entre eles, pois o que interessa é a relação entre eles, ou seja, um primário entra em diálogo com secundário (uma mensagem/carta dentro de um romance). Como aponta o autor:

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só pelo seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua - recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais -, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se no *todo* do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua, elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros discursivos. (Bakhtin, 2000, p. 279)

Podemos observar que os gêneros discursivos são relativamente estáveis como aponta o autor, pois como há uma transformação tanto na língua como na sociedade, entendemos que os gêneros possuem uma estabilidade relativa, ou seja, eles assimilam as mudanças, podem dialogar com outros gêneros.

2.1.1 Gênero cartas

Quando pensamos em cartas, pensamos naquelas escritas há muito tempo em uma época em que o *email* ou o *whatsapp* era algo muito distante e, se quiséssemos falar com algum ente querido, necessitaria escrever uma carta. Hoje, infelizmente, perdemos este costume tão bonito de receber uma carta escrita à mão com tanto carinho, pois estamos na fase da rapidez, do imediatismo. E nos esquecemos também da beleza e emoção que era receber uma carta.

Na atualidade, a prática de escrever cartas, endereçá-las e postá-las no correio vem sendo deixada de lado por grande número de pessoas, rompendo-se a tradição e perdendo-se, com isto, um importante registro para a história. Isto se deve ao fato de o avanço e a rapidez da tecnologia computadorizada, cuja parcela significativa da população tem acesso, mas que influencia também aquela outra parte da população, para quem a tecnologia ainda lhe é desconhecida e estranha. (Camini, 2012, p.7)

Mas por que é tão difícil de se comunicar através da escrita? A verdade é que só aprendemos a escrever praticando, nem que seja uma simples carta, mas que nela carregue sua essência.

A pessoa que começa a escrever tem a chance de sair da condição de sentir-se incapaz de escrever. A escrita é sempre feita em função de outros. Escreve-se, quase sempre, para aqueles/as que são desconhecidos - não vemos seu rosto, não o encontramos na rua. (Camini, 2012, p.46)

No caso desta pesquisa, a escrita é para alguém que os participantes não tinham um contato diário e a proposta de escrita era entrar em um mundo de imaginação e fantasia.

O ato de escrever é, primeiro e antes de tudo, a questão do desejo. Ora o desejo de os outros se produzirem em nós, através das palavras, ora o nosso desejo de nos reproduzirmos, nos multiplicarmos, nos transcendemos e, mesmo, nos imortalizamos, através das nossas palavras. (Bernardo, 2000, p.24)

Escrever é um processo que necessita de um exercício diário para obter resultados, e como assevera Bernardo (2000), precisa ter o desejo de escrever, por

isso, é muito comum ver uma resistência no início, pois estamos acostumados a escrever o que o professor nos pede, mas não somos acostumados a escrever o que queremos e a aproveitar o processo da escrita. Processo este que iremos retomar mais adiante.

2.1.2 Concepção de linguagem

Cada um de nós tem a sua própria maneira de ver a língua e de se comunicar com o mundo. Desta forma, não devemos ignorar nem depreciar outras formas de fala/escrita que não seguem os preceitos da norma padrão⁴. Os estudos de Geraldi (2004) apontam que devemos devolver o direito à palavra aos nossos alunos – e na nossa sociedade isto inclui o direito à palavra escrita, mas para isso, temos que considerar qual a concepção de linguagem nos orienta em nosso trabalho:

- A linguagem é a expressão do pensamento: essa concepção ilumina, basicamente, os estudos tradicionais. Se concebemos a linguagem como tal, somos levados a afirmações – correntes – de que pessoas que não conseguem se expressar não pensam.
- A linguagem é instrumento de comunicação: essa concepção está ligada à teoria da comunicação e vê a língua como código (conjunto de signos que se combinam segundo regras) capaz de transmitir ao receptor certa mensagem. Em livros didáticos, é a concepção confessada nas instruções ao professor, nas introduções, nos títulos, embora em geral seja abandonada nos exercícios gramaticais.
- A linguagem é uma forma de interação: mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana. Por meio dela, o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria levar a cabo, a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistiam à fala.

(Geraldi, 2004, s.p.)

De acordo com o exposto, podemos refletir sobre o assunto, questionando a distinção entre a escrita e a língua. No entanto, o mais importante é permitir que as pessoas se expressem e construam suas próprias experiências linguísticas, o que não é o que normalmente acontece nas escolas. Segundo Camargos (2013, pág. 36), “o que geralmente ocorre no momento de leitura pelo professor, dos textos produzidos pelos textos, é riscar os erros, reescrever a palavra certa, atribuir a nota e

⁴ O que se entende por norma-padrão, nos estudos mais recentes sobre variação linguística e ensino, é o modelo de língua descrito-prescrito pela tradição gramatical, uma língua extremamente idealizada, construída com base nos usos de um grupo não muito amplo de escritores e, mesmo assim, não de todos esses usos, mas só daqueles que o próprio gramático considera exemplares ou recomendáveis. (Bagno, 2012, p.31)

devolver para o aluno que sempre está ansioso pela nota e, conseqüentemente, aprovação”. Isso vai ao encontro com o signo saussuriano que considera a língua como um sistema de signos formados pela união do sentido e da imagem acústica (Saussure, 1995). Não obstante, iremos nos ancorar em Bakhtin (2000, p.29), uma vez que para este pensador a linguagem é composta por signos e estes são ideológicos e, uma vez que a ideologia é um reflexo das estruturas sociais, toda modificação da ideologia encadeia uma modificação da língua. Como nos explica Ponzio (2008, p. 114), Voloshinov, do grupo de Bakhtin, traz que por ideologia entendemos todo o conjunto dos reflexos e das interpretações da realidade social e natural que tem lugar no cérebro humano e se expressa por meio de palavras [...] ou outras formas sígnicas.

A partir destas reflexões podemos entender o gênero discursivo carta, base deste estudo, são compostos por signos que formam os enunciados e, na medida em que essas cartas reproduzem o social em contrapartida à inteligência individual de cada ser, de forma informal, obtemos, uma perspectiva dialógica em consonância aos estudos de Casotti (2013) ao afirmar que o dialogismo define o texto como um tecido de vozes que se entrecruzam, se completam, respondem umas às outras, ou então, polemizam entre si.

Os conceitos gerais abordados neste capítulo, sobre gêneros do discurso, concepção de linguagem, signos, ideologia e dialogia na perspectiva bakhtiniana iluminarão a análise das cartas.

3 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento desta pesquisa, de caráter qualitativo (Godoy, 1995), foram gerados os seguintes dados: questionário diagnóstico, cartas e desenhos produzidos pelos participantes e fotos. Os dados foram gerados durante o segundo semestre de 2022 e o primeiro semestre de 2023. Como explica a autora:

Os estudos denominados qualitativos têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural. Nessa abordagem valoriza-se o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada. (Godoy, 1995, p. 58)

Então, ao optar por uma abordagem qualitativa, pode-se ter uma experiência em um ambiente e situações reais, mas diferentes daquelas de uma sala de aula comum. A escolha pela obra *Alice no país das maravilhas* de Lewis Carroll deve-se ao fato de ser uma leitura que permite trabalhar com diferentes faixas etárias, instigando a criatividade e imaginação e de fácil aplicação.

Sob o mesmo prisma, a autora Oliveira (2022, p.36) comenta: “O espaço imaginativo é, então, aquele exposto nas obras literárias e que não existem no mundo real”. Dessa forma, a obra escolhida me pareceu adequada ao ambiente proposto, possibilitando uma análise por meio dos princípios teóricos e metodológicos advindos do Letramento e da Dialógica⁵.

Além disso, utilizamos o gênero discursivo Carta como referencial de análise para esse estudo, tendo como premissa os relatos de Freire (2002) os quais postulam que: “receber e ler, escrever e enviar cartas se constitui numa prática dialógica” (Freire apud Camini, 2012), sendo analisado o caráter dialógico desse gênero discursivo.

Segundo esse preceito, os sujeitos poderão estabelecer uma interlocução, traçando-se assim uma relação de interação entre interlocutores mediada pela escrita. Ao empregar as cartas como forma de interação, os interlocutores têm a chance de escrever sua própria história.

5

A Aprendizagem Dialógica prioriza as interações com maior presença de diálogos (orais, escritos), entre pessoas o mais diversas possível, buscando o entendimento de todos e valorizando as intervenções em função da validade dos argumentos. (Aubert et al., 2008; Searle & Soler, 2004)

4 ANÁLISES

Conforme descrito na metodologia, as análises das atividades serão realizadas neste capítulo. Para começar, haverá uma explicação e comentários de cada atividade. Em seguida, será examinada as produções escritas dos alunos usando as categorias (construção composicional, estilo e conteúdo temático) dos gêneros do discurso sugeridos por Bakhtin (2000). O projeto teve adesão de dois participantes sendo eles irmãos, com isso iremos analisar a sua interação durante as leituras e as cartas produzidas por eles.

4.1 Avaliação Diagnóstica

Visita do dia 26 de novembro de 2022

No primeiro momento tivemos a participação de (4) crianças e me apresentei explicando que era da UNIPAMPA e que estava ali para lhes contar uma história, e fiz duas perguntas: “Vocês gostam de ouvir histórias?” “Conhecem a história *Alice no país das maravilhas*?”.

Quadro 1- Questões diagnósticas

<i>Questionamento A</i>	Vocês gostam de ouvir histórias?	<i>Questionamento B</i>	Conhecem a história <i>Alice no país das maravilhas</i>
<i>Participante 1</i>	<i>Gosta</i>	<i>Participante 1</i>	Conhece a história de Alice e ainda comentou: <i>é aquela história que tem um coelho e uma rainha vermelha que gostam de cortar as cabeças.</i>

Quadro 1- Questões diagnósticas

<i>Participante 2</i>	<i>Não Gosta</i>	<i>Participante 2</i>	<i>Conhece a história de Alice</i>
<i>Participante 4</i>	<i>Gosta</i>	<i>Participante 4</i>	<i>Conhece a história de Alice</i>

Com o conhecimento prévio, na primeira visita foi realizada uma avaliação diagnóstica conforme consta no Apêndice. Essa avaliação diagnóstica teve o intuito de analisar o que os participantes sabiam sobre o gênero carta, se já haviam escrito algum tipo de carta e se já sabiam ler e escrever.

Não optei pelo ensino do gênero, pois as respostas foram em sua maioria que sabiam o que era uma carta e que já haviam escrito, também por não ser a principal proposta do projeto.

4.2 Leitura

4.2.1 Primeiro Dia

Visita do dia 3 de outubro de 2022

Logo após o início da atividade, percebi que as outras duas crianças não estavam mais fazendo parte do lar de acolhimento, o que foi uma dificuldade que enfrentei ao trabalhar neste ambiente específico, afinal, muitas vezes não conseguimos trabalhar com as mesmas crianças, pois é um local que está sempre em movimento. Contudo, trabalhei com os dois irmãos que estavam presentes no dia solicitando que eles sentassem no sofá do espaço em que estávamos. Como eu estava fantasiada de rainha de copas, perguntei se eles me conheciam e responderam que sim, que eu era a rainha vermelha. Mencionei que a Alice estava muito ocupada no país das maravilhas e me enviou para lhes contar a sua história:

Figura 1 – Foto do encontro: Fantasia de Rainha de copas



Foto: arquivo da autora

Cap.1: *“Na toca do Coelho”*

Cap.2: *“O mar de lágrimas”*

Cáp. 3: *“Uma corrida eleitoral e o longo rabo de uma história”*

Cáp.4: *“O Coelho dá um encargo a Bill”*

Cáp.5: *“Conselhos de uma lagarta “*

Conforme estava desenrolando a história, apresentei às crianças alguns objetos para que eles pudessem interagir com a história, no caso, o bolo fez o papel do que dizia “Coma-me” em sua embalagem; e o refrigerante representaria a garrafa que dizia “Beba-me”. Dessa forma, foi possível proporcionar uma reflexão aleatória sobre:

- a) quem somos?
- b) Como vemos o mundo?
- c) Onde queremos chegar?

Como resultado percebeu-se que eles tinham respostas estruturadas de acordo com as perguntas direcionadoras, mas no final não conseguiram chegar a

uma conclusão. Indaga-se que ocorreu, pois os ambientes escolares ensinam a responder algo que já tem uma resposta certa como: Dois mais dois é igual quatro ou as datas corretas como, por exemplo, ano da independência do Brasil: 1822. Quando fazemos perguntas mais subjetivas e amplas, o público alvo, muitas vezes, não sabe responder.

A partir desse resultado, optei por finalizar a atividade com a proposta da escrita de uma carta. Conforme cronograma anexado no apêndice, eles deveriam escrevê-la endereçada à lagarta e, nesta carta, eles deveriam falar sobre:

- a) Quem você é?
- b) Quem gostaria de ser?
- c) Como você se define?

Obtive as seguintes respostas:

Figura 2 – Carta participante A

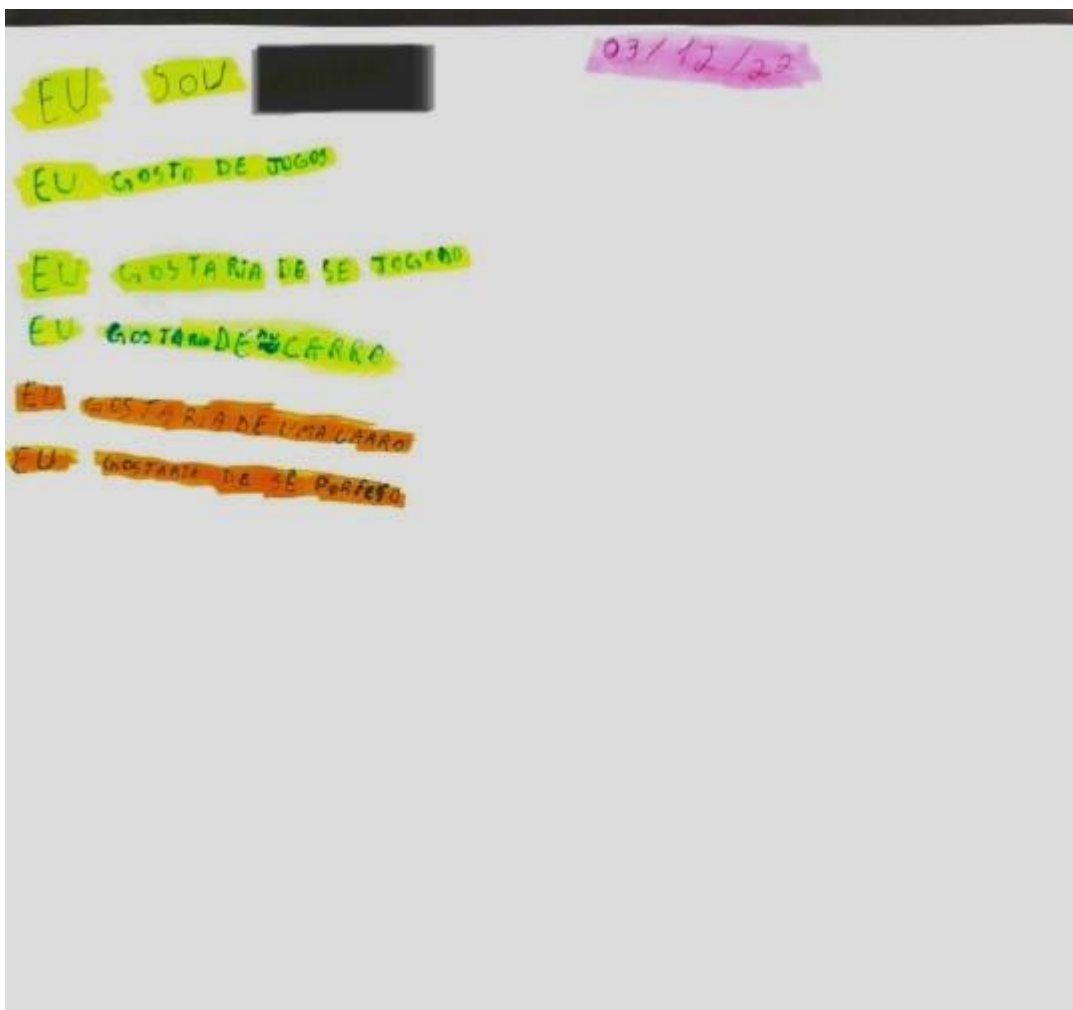


Foto: arquivo da autora

Transcrição:

Eu sou (Nome do participante)

Eu gosto de jogos

Eu gostaria de se jogado

Eu gostaria de mu carro

Eu gostaria de uma caaro

Eu gostaria de sê porfeso

Figura 3 – Carta participante B

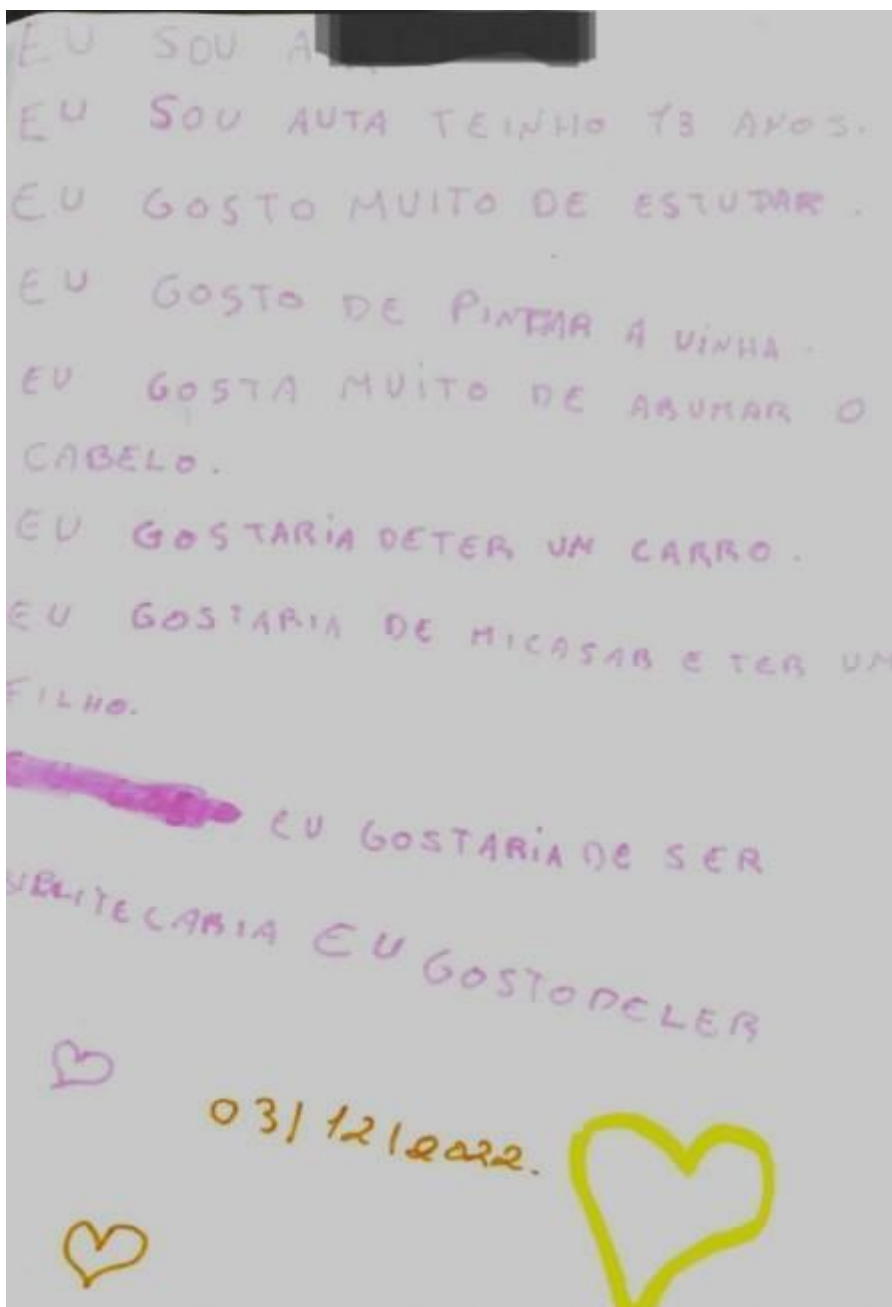


Foto: arquivo da autora

Transcrição:

*Eu sou a (Nome do participante)
Eu sou auta tenho 13 anos.
Eu gosto muito de estudar.
Eu gosto de pintar a uinha
Eu gosto muito de arumar o cabelo.*

*Eu gostaria de ter um carro
Eu gostaria de micasar e ter um filho.
Eu gostaria de ser bibliotecaria Eu gosto de ler.*

A autora percebeu que os participantes ainda estão em processo de leitura e escrita e que eles não conheciam a construção composicional do gênero carta tanto que, um dos participantes me perguntou: *tia, precisa colocar nome e data?*.

Este questionamento demonstra que, não houve o reconhecimento da composição do gênero solicitado, apesar da avaliação diagnóstica no apêndice 1, constar que o aluno já escreveu uma carta antes e que gostava de escrever cartas, ou seja, que o participante já estaria familiarizado com o gênero, na prática, acabou confundindo com um bilhete, o que nos leva a refletir sobre os argumentos de Bakhtin quando disserta que:

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação (Bakhtin, 1998, p.280)

Ou seja, o tipo de estruturação e conclusão do texto são discutidos na construção composicional ou aspecto formal do texto. Esse processo envolve os procedimentos, as relações, na organização, a disposição e a conclusão da totalidade do discurso, indicando as regras do jogo de sentido disponibilizadas pelos interlocutores na cena enunciativa.

Em outras palavras, percebeu-se que eles não entenderam em sua totalidade a estrutura do gênero, como já mencionado acima, bem como fugiram do tema do conteúdo temático, pois não mencionaram a história de Alice. Eles saíram da história fictícia que ouviram para contarem a sua própria história, focando apenas na tarefa de responder às perguntas orientadoras: *quem é você, o que gostaria de ser, como você se define*. Eles estavam falando somente deles, não fizeram relações com o imaginário, outro ponto que, muitas vezes, a escola não está acostumada a utilizar, ou seja, liberdade de criação. No entanto, quando comentei com minha mãe sobre a

atividade, que muito me auxiliou no projeto, ela mencionou que nem eu saberia responder aquelas perguntas, ou seja, sobre quem eu sou. Imagina eles que são mais novos! Ou seja, foram perguntas de cunho muito filosófico para pré-adolescentes que recém estão descobrindo quem são e o crescimento em uma casa de acolhimento pode dificultar esta descoberta.

Considerando isso, pode-se observar essas cartas sob uma outra perspectiva, pois as crianças questionadas tinham muito mais a ensinar do que a aprender, pois mesmo sendo perguntas difíceis eles responderam de forma genuína.

Ainda, percebeu-se maior preocupação em responder a seguinte pergunta: quem gostaria de ser?

Por isso frisa-se que, é preciso atentarmos ao que o (outro) interlocutor quer dizer, pois muitas vezes ele quer contar a sua história que possui um significado particular.

Nesse aspecto questiona-se: será que escutamos as histórias de nossos alunos? Tentamos entender a realidade desses alunos?

Nesse momento, a análise do professor não deveria ser apenas a correção das regras gramaticais, que é pautada em uma visão de linguagem tradicional, mas também ao que eles desejam transmitir para nós.

Sendo assim, após os questionamentos acima, reflete-se o que poderia motivá-los a ler e escrever, e logo, teve-se a ideia de dialogar como se fosse a lagarta da história como, por exemplo, quando ele fala: Eu gosto de jogos, perguntar a ele: O que você joga? Ou quando a participante B menciona que gosta de ler, poderia ser perguntado: Que livros você gosta de ler?.

Conforme observa Camargos (2013, pág.38), “Em se tratando de língua [...], quando o aluno fala ou escreve sobre si mesmo, ele está construindo significados nesta língua e não simplesmente repetindo frases isoladas e com pouco sem nenhum sentido”. Considerando, que eles estavam tentando construir um significado na sua língua materna, para me responder as perguntas.

Mas isso levo como aprendizado para experiências futuras. Como reflete Bakhtin (1998, pág.96) “No âmbito de uma aplicação estrita da teoria expressiva, a empatia ou a simpatia para com uma vida consiste em vivenciá-la, em duplicá-la tal qual, sem enriquecê-la com valores novos que lhe seriam transcendentais, em vivenciá-la nas categorias que são as do sujeito efetivo de uma vida”. Ou seja, levarei esse aprendizado para dentro da sala de aula como futura professora, sendo

que nós como professores trabalhamos com muita diversidade, ou até mesmo ao trabalhar novamente com esse público.

Considerando essas cartas como signos linguísticos na perspectiva bakhtiniana, percebemos que quando o participante um expressa que gosta de jogar e que quer ser jogador e que gostaria de ter um carro, fica claro em seu discurso, o apego aos valores de uma ideologia hegemônica, ou seja, ter dinheiro sendo jogador e bens materiais como carro. Conforme postula Bakhtin (1998, pág.293) “A fala só existe, na realidade, na forma concreta dos enunciados de um indivíduo: do sujeito de um discurso-fala. O discurso se molda sempre à forma do enunciado que pertence a um sujeito falante e não pode existir fora dessa forma.”

Ainda, quando menciona que gostaria de ser *profeso*, para uma criança em vulnerabilidade, muitas vezes o exemplo é o professor que está ali a todo momento lidando com aquela criança e a educando, uma educação que não recebe de sua família. Assim, o docente pode ser um exemplo a ser seguido. Mas que tipo de professor ele gostaria de ser (qual disciplina), também poderia ter sido indagado pela interlocutora.

Já a participante B representada pelo sexo feminino, quando menciona que gostaria de ter um carro, casar e ter filhos, notamos um diálogo com o discurso familiar, sendo o objetivo primordial dela construir uma família, que pode ser o reflexo de ela não possuir a sua, ou da desestruturação da mesma. Volochinov (2009), nos auxilia a compreender “esses signos ideológicos, por sua vez, são constituídos no processo de interação social em que os interesses das diversas classes sociais direcionam o processo de construção das representações materializadas na palavra”.

Diante desta perspectiva, podemos perceber que os textos são dialógicos, na medida em que constituem um embate de muitas vozes sociais, entre a carta e o conto da *Alice no país das maravilhas*. Ou seja, que os participantes demonstram um diálogo que, bakhtinicamente, chamamos de sociedade hegemônica, em que o diálogo é levado para um princípio cultural estabelecido como superior pela sociedade.

4.2.2 Segundo Dia

Visita do dia 5 de Janeiro de 2023

Cáp. 6: “*Porco e pimenta*”

Cáp.7: “Um chá de loucos”

Cáp.8: “O campo de croquet da Rainha”

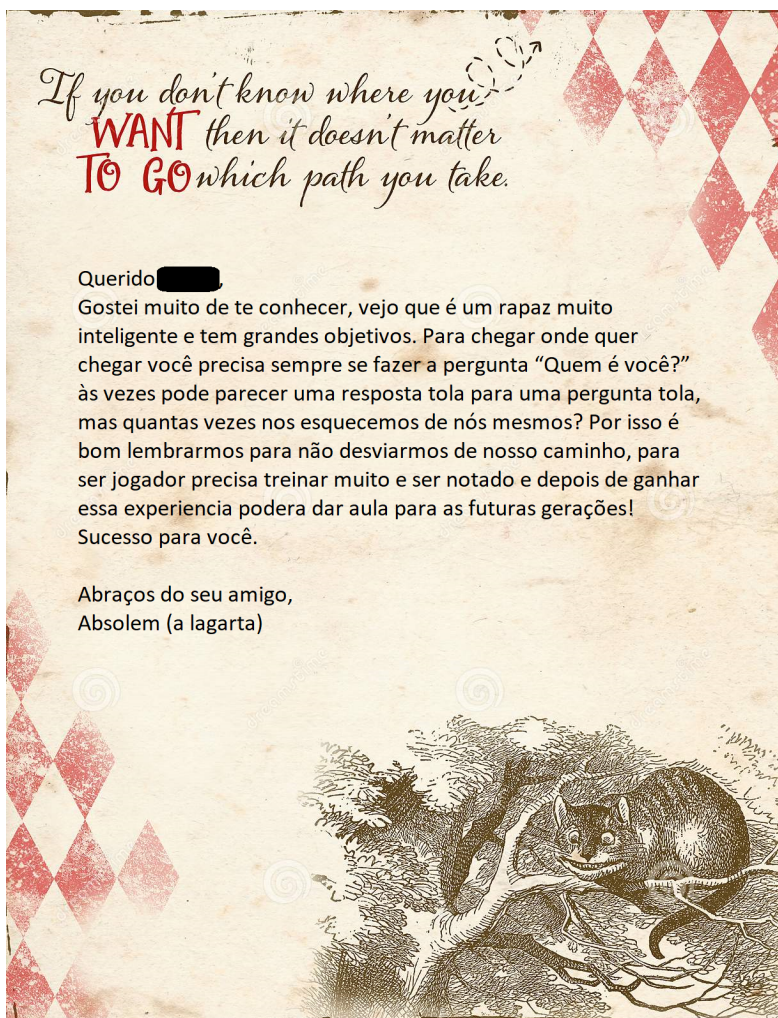
Antes de começarmos nossa leitura, entreguei a carta resposta para eles como se fosse “A lagarta” que tivesse respondido e adorei ver a emoção que eles sentiram ao receber a carta; perguntaram se foi mesmo a lagarta que escreveu, mas, em seguida, pensaram um pouco e disseram: *foi a senhora que escreveu não é? A senhora é a lagarta?* E um dos participantes pediu que eu lesse a sua carta.

A carta foi entregue em forma de envelope e ela permaneceu com eles. Foi uma forma de demonstrar para eles o gênero carta, o que mostra também que eu como interlocutora havia me esquecido de alguns detalhes composicionais da carta como: local, data, saudação inicial- *Querido (...), Como você está?*. No entanto, as afirmações positivas sobre o interlocutor do livro (é um rapaz muito inteligente e tem grandes objetivos) pode ser lida como uma forma positiva de interação.

Assim como os conselhos citados no livro, de não desviar dos caminhos para alcançar os objetivos e a relação com a leitura por meio da pergunta: *Quem você é?*

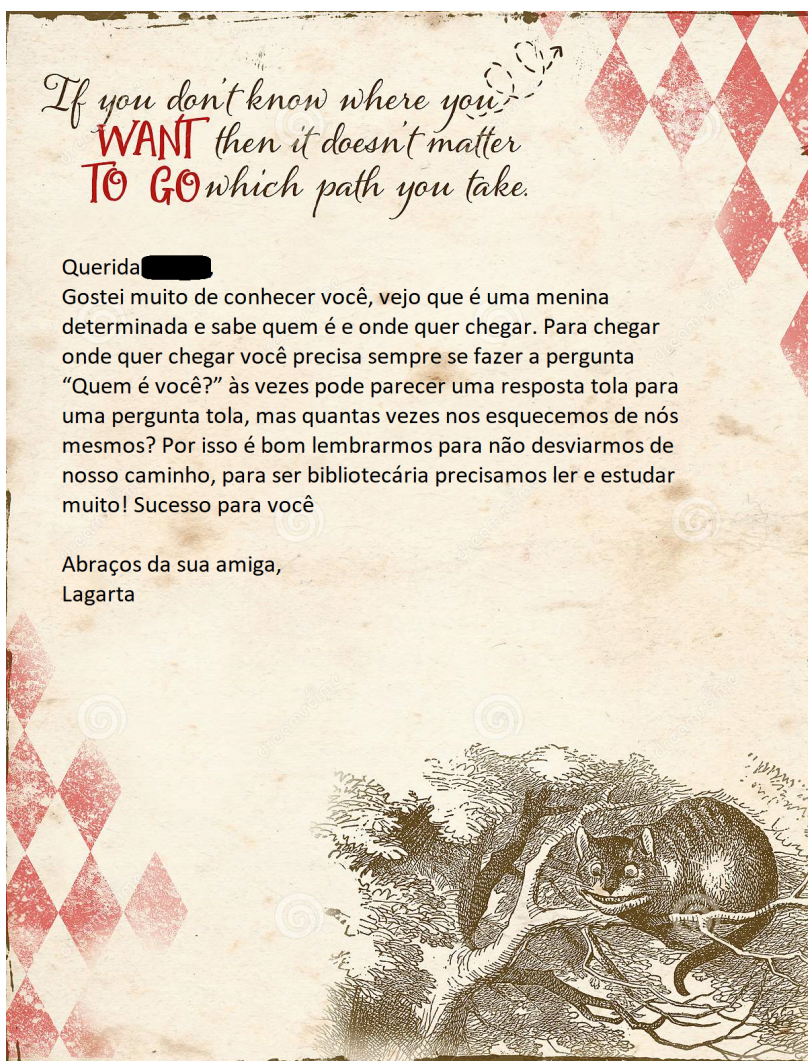
A interlocutora entendeu que seu papel não foi apenas ser a detentora do conhecimento, pois assim como eles, também aprendeu com esta experiência, sendo uma forma de enriquecimento na sua trajetória pessoal e profissional.

Figura 4 – Carta resposta participante A.



Fonte: a autora

Figura 5 – Carta resposta participante B.



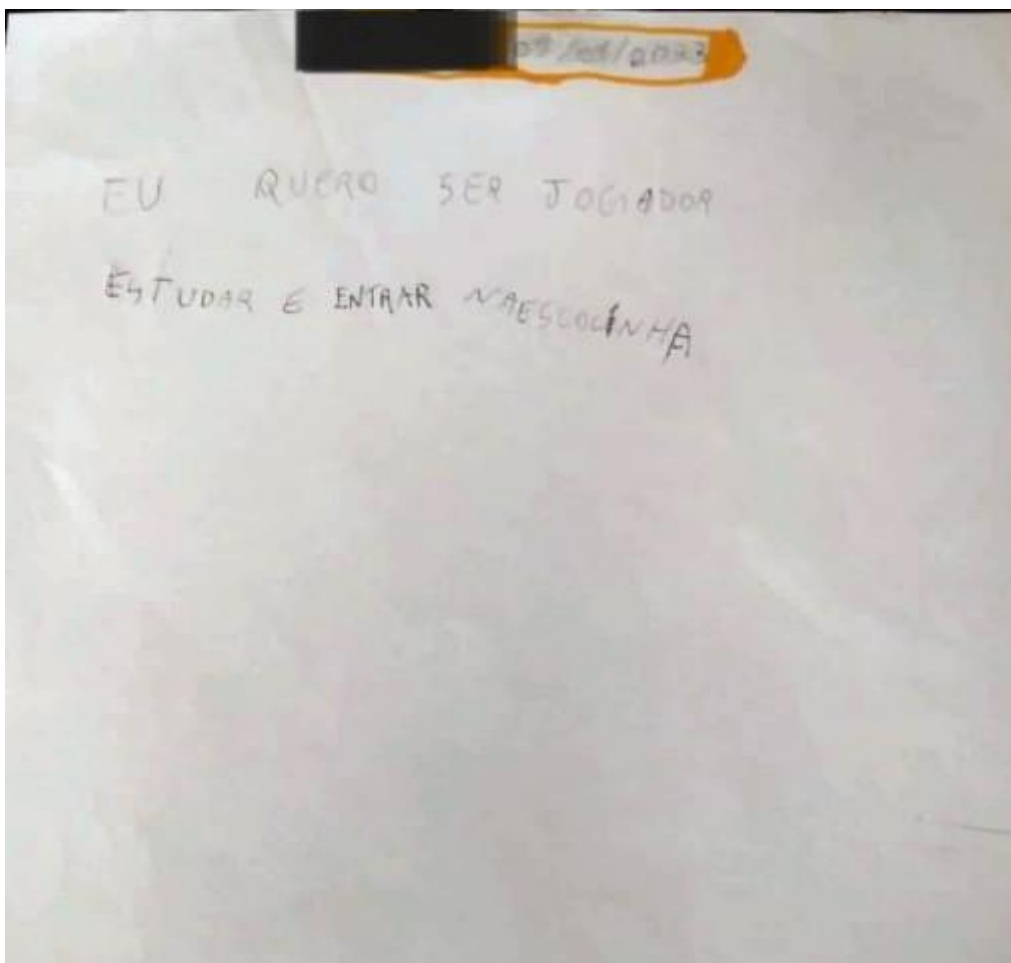
Fonte: a autora

Em seguida, nós realizamos a leitura do livro e tivemos mais um participante com doze anos que vamos chamá-lo de participante C. Perguntei se ele conhecia a história da Alice e ele disse que não conhecia. Então, expliquei a história e onde havíamos parados na nossa leitura. Apresentei-lhes a proposta de escreverem uma carta para o gato contando para onde eles gostariam de ir, onde eles gostariam de chegar. No entanto, percebi uma certa dificuldade de eles pensarem sobre a problemática, pois estavam como Alice, ou seja, com dificuldades de encontrarem o caminho. Então, fui auxiliando-lhes por meio de mais perguntas sobre a parte

profissional: *O que você gostaria de fazer quando crescer? Que caminho você acha que é o certo a seguir?*

Desta forma, foi possível perceber mais uma interação oral do que escrita. Eles não escreveram quase nada nas cartas, mas me contaram suas histórias. Enquanto eu fazia perguntas, o participante A e B disseram que o caminho certo a seguir é fazendo o que é certo: ficando longe de confusão e drogas. Já a participante B, pude notar uma mudança no que ela gostaria de ser, pois ela ganhou um brinquedo policial - umas algemas de brinquedo - e disse que gostaria de ser policial. O participante A seguiu com seu propósito de ser jogador de futebol, o que atraiu o participante C, pois após a conversa, ele afirmou que também gostaria de ser policial. No entanto, me foi relatado que ele ainda não havia sido alfabetizado. Por esse motivo, o auxiliei na escrita de uma frase: *Eu quero ser policial*. Conforme expresso nas cartas a seguir:

Figura 6 – Carta nº 2- participante A

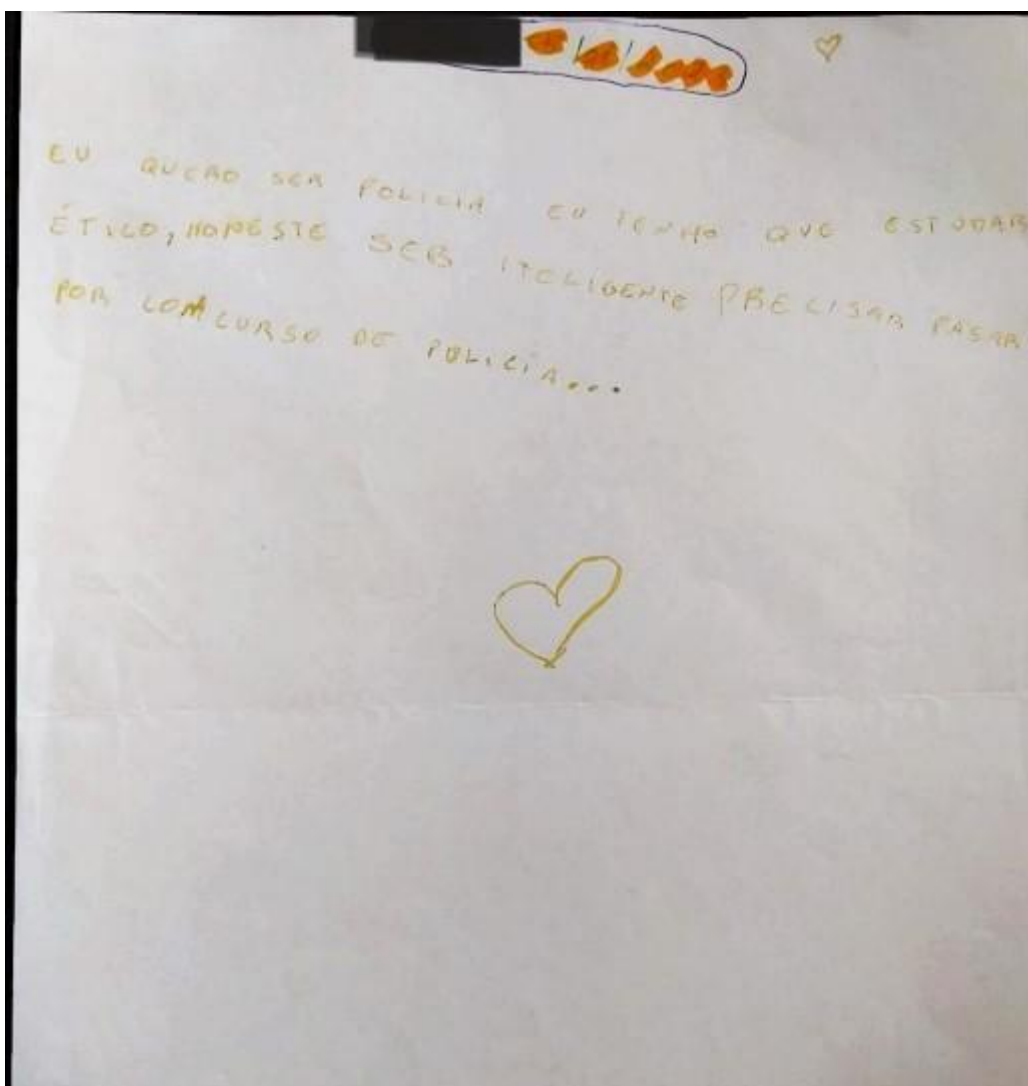


Fonte: a autora

Transcrição:

*Eu quero ser Jogador
Estudar e entrar na escolinha*

Figura 7 – Carta nº 2- participante B

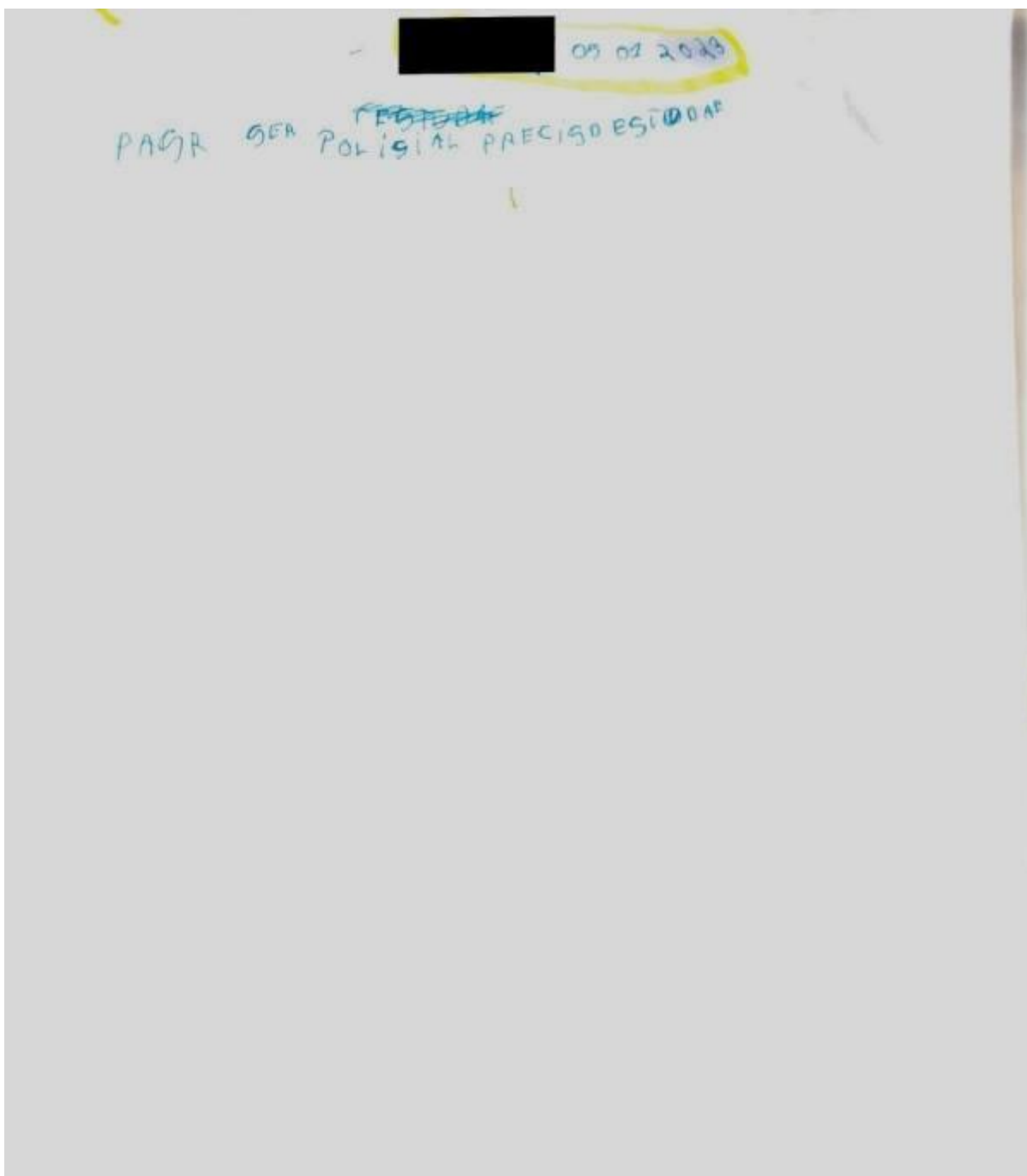


Fonte: a autora

Transcrição:

*Eu quero ser policia eu tenho que estudar
Ético, Honeste ser inteligente precisar passar por concurso de policia...*

Figura 8 – Carta nº 1 - participante C



Fonte: a autora

Transcrição:

Pasar ser polisial preciso estudar

Conforme as informações acima, podemos notar que, como os participantes ainda não estão inseridos na escrita de uma forma mais efetiva, eles não compreendem a estrutura do gênero carta, porém como explica Bakhtin (1998):

o estilo artístico não trabalha com as palavras, mas com os componentes do mundo, com os valores do mundo e da vida; podemos defini-lo como o conjunto dos procedimentos de formação e de acabamento do homem e do seu mundo, e esse estilo determina também a relação com o material, com a palavra, cuja natureza deve, naturalmente, ser conhecida para se compreender essa própria relação. (Bakhtin, 1998, pág. 209)

Sendo assim, o participante ajusta seu estilo de escrita para a sua escrita, ou seja, para eles era aquilo que eles estendiam por cartas, uma escrita breve, algo como um bilhete para uma professora, como eles mencionaram que já haviam feito. Outro detalhe é que como não os havia corrigido na última carta, eles seguiram utilizando o mesmo estilo de escrita, provavelmente estão acostumados com correções dentro da sala de aula.

4.2.3 Terceiro Dia

Visita do dia 21 de Fevereiro de 2023

A tarefa foi iniciada com a seguinte pergunta: Vocês se lembram de onde paramos na história? O participante A respondeu: Não tia, a senhora demorou muito para vir e a gente se esqueceu. Então foi explicado a eles que a interlocutora possuía outras atividades em sua faculdade, e foi complementado que para sermos bons profissionais, é necessário estudar bastante e após foi dada a sequência à nossa leitura final do livro.

Cáp.9: *“A história da tartaruga falsa”*

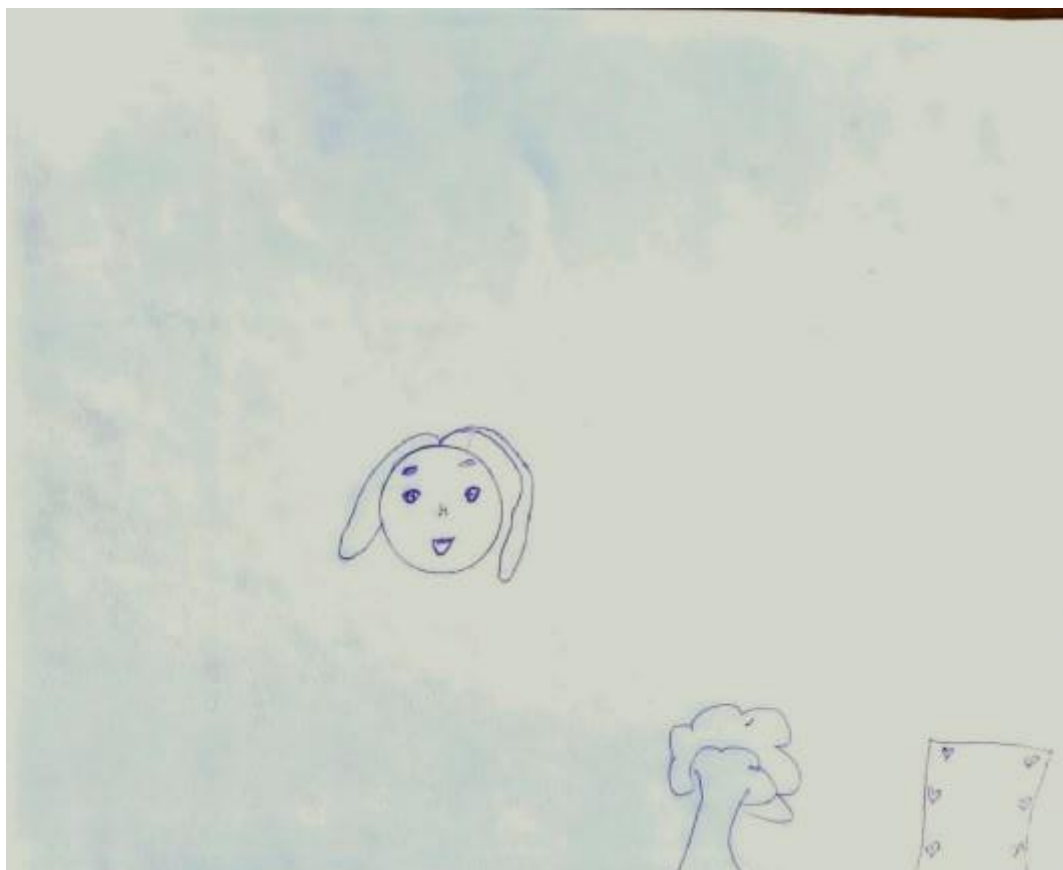
Cáp.10: *“A quadrilha da lagosta”*

Cáp.11: *“Quem roubou as tortas?”*

Cáp.12: *“O depoimento de Alice”*

No transcorrer, foi solicitado para eles escreverem outra carta, desta vez para o seu personagem favorito ou para desenharem os encontros e ambos desenharam a Alice no país das maravilhas e das cartas.

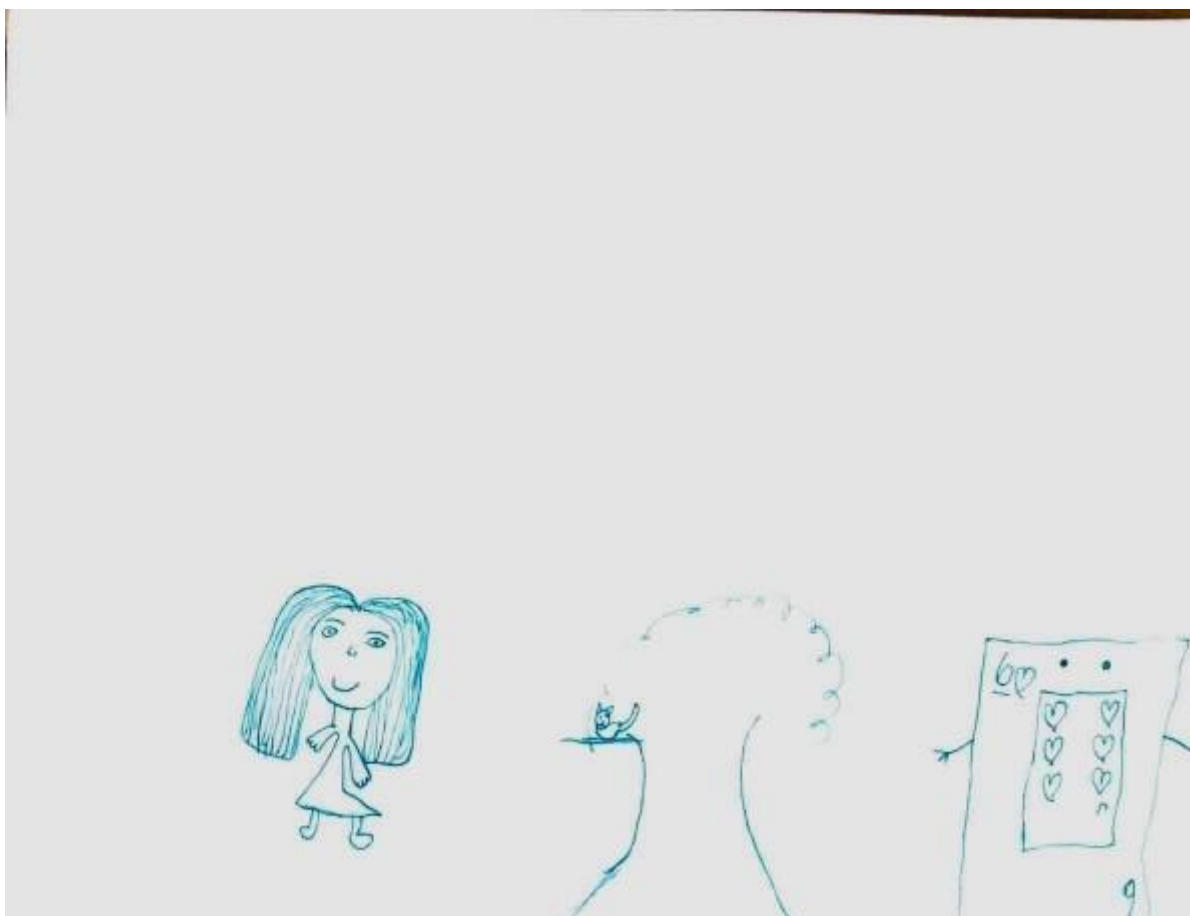
Figura 9 - Desenho participante A



Fonte: a autora

O participante A, desenhou somente o rosto de Alice, mas colocou uma árvore e uma carta, a árvore provavelmente representando o gato que surge em cima da árvore, e as cartas representando o exército da rainha de copas. Mas devemos observar que os desenhos estão separados e a Alice possui somente um rosto voando e o no desenho não possui uma representação de um solo, sendo esperado pela idade e maturidade deles.

Figura 10 - Desenho participante B



Fonte: a autora

O participante B, desenha a menina com mais detalhes, corpo completo e além de colocar a árvore coloca o gato em cima dela, como descrito na história, a carta também tem um formato de corpo, com braços fazendo uma melhor representação do exército da rainha de copas. No entanto, ainda não existe uma presença de solo a Alice continua voando e é desproporcional a árvore, em ambos os desenhos a representação das figuras se mostram desproporcionais.

Já o participante C compartilhou apenas da primeira parte da história, pois recebeu a visita de um familiar e, infelizmente, ele não conseguiu fazer a última atividade.

Contudo a instabilidade e fragilidade emocional de tal público, pode afetar diretamente na representação artística dos mesmos.

Por fim, ao término das atividades foi entregue um livro para cada, de acordo com sua idade, o participante A ganhou o livro: O ladrão de olhos, o participante B ganhou o livro: Depois dos quinze e o participante C ganhou o livro: Zac Power.

O participante A relatou que não sabia ler, contudo, foi incentivado a aprender ler todo o livro presenteado, ficando muito feliz. A participante B me agradeceu e disse que iria passar o final de semana lendo, pois ela não tinha um livro só dela e não gostava dos livros de criança que tinham no lar. Infelizmente, não tenho a reação do participante C, pois ele estava com visita e não queria atrapalhar, mas deixei para lhe entregar meu presente de despedida. Para concluir, nestas visitas eu li a história em vez de contar, pois, teria partes muito importantes da história que eu não queria pular. Porém, acredito que a experiência poderia ter tido mais êxito se eu lesse histórias/contos mais curtos, mais assertivos, quer dizer, narrações que eu conseguisse contar (o que também não é simples e exige preparo) ao invés de somente ler uma história.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando acordei hoje de manhã, eu sabia quem eu era, mas acho que já mudei muitas vezes desde então. (Lewis Carroll)

Como expresso na frase acima, sempre saímos modificados de uma experiência e esta pesquisa não podia ser diferente. No começo eu não acreditei muito nesta investigação que se deu em um espaço de educação não formal, ou seja, fora dos espaços tradicionais de ensino. Em um primeiro momento me senti impotente olhando para aquelas cartas, mas o apoio de minha mãe e meu namorado foram essenciais ao longo do processo de execução do projeto. Eles não deixaram que eu desistisse da pesquisa iniciada e me incentivaram a criar outros projetos dentro da esfera educacional, me fazendo perceber o quanto é importante o olhar do outro dentro da esfera acadêmica e educacional.

A partir dessas observações, pude refletir que eu ainda tinha aquela ideia de educação tradicional, na qual o professor nunca me questionou se eu sabia como se escrevia uma carta, um resumo ou qualquer gênero discursivo que eu fosse escrever, tampouco o que eu gostaria de ler. Isso se mostrou visível durante minha relação com os participantes, pois também não perguntei o que eles gostariam de ler e que para eles como seria a estrutura composicional de uma carta, simplesmente li o conto que eu escolhi e lhes pedi para escrever. Sendo assim, com essa experiência percebi o quanto é importante escutar nosso público alvo e não apenas ouvi-los, levando-me a ponderar sobre minha caminhada profissional.

Como explana Larrosa (2011, pág. 22), “É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada lhe toca, nada lhe chega, nada lhe afeta, a quem nada lhe ameaça, a quem nada lhe fere.” E através do retorno das crianças de se sentirem à vontade ao ouvir a história de Alice com atenção e recebendo de braços abertos o projeto, vejo que essa experiência me tocou, pois, assim como eles também pude refletir e ter a certeza de quem eu sou: quem eu sou como professora, quem eu sou como pessoa

e quem eu sou dentro de minha comunidade, assim como eles devem ter se modificado de alguma forma.

Como professora e pesquisadora em formação, gostaria de elucidar com essa pesquisa para olharmos para esse lado da educação, em que o sujeito tem a necessidade de contar e moldar sua própria história, mas que, muitas vezes, é julgado e não é atendido, pois sua escrita foge das normas gramaticais. Entretanto, devemos deixar claro que não estamos afirmando que um aluno com problemas de escritas, como aconteceu nas cartas, deva ser aprovado, ou que não devemos fazer uma correção, como observa Geraldi (2004). Mas, devemos olhar com mais atenção para o que aquele sujeito quer nos dizer e ajudá-lo a dizer, por meio de perguntas, reescrita para que se estabeleça um compromisso de diálogo entre locutor e interlocutor por meio da palavra.

E, por fim, entende-se que este estudo é importante para a linha de pesquisa desenvolvida neste trabalho, sendo relevante para a linguística aplicada, sobretudo pelo teor socioeducacional. Há muito a se fazer nas pesquisas futuras, uma vez que serão também realizadas atividades mais curtas com os participantes de forma a ser mais proveitoso para o aprendizado deles, não deixando de mudar o local, pois dentro dessas organizações, tão esquecidas, que carecem de apoio educacional e de atividades culturais, deve ser dada uma atenção especial, necessitando também da ajuda do Estado. É necessário, urgente, a elaboração de políticas públicas de igualdade educacional, com respeito à diferença e a inclusão dessas crianças, bem como com incentivo aos profissionais dessa área na formação educacional, pois além de terem passado por uma desestruturação familiar, também acabam sendo prejudicados pela falta de estudos em desigualdade com os demais.

REFERÊNCIAS

- AUBERT, A., FLECHA, A., GARCÍA, C., FLECHA, R., & Racionero, S. (2008). **Aprendizaje dialógico en la sociedad de la información**. Barcelona: Hipatia.
- BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p.261-306.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. Trad. Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Unesp: Hucitec, 1988. p. 71-210.
- BERNARDO, G. **Redação inquieta**. 5 ed. Belo Horizonte: Formato editorial, 2000.
- CAMARGOS, Moacir Lopes de. **Escrita em língua estrangeira - espanhol**. In: ARTEXTO: Revista do instituto de letras e artes. Rio Grande: Editora da Furg, 2013. v. 14, cap. 3, p. 33-47. ISBN 0102-2709.
- CAMINI, Isabela. **Cartas Pedagógicas aprendizados que se entrecruzam e se comunicam**. ESTEF, Porto Alegre, p. 56, 2012. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/24976890-Cartas-pedagogicas-aprendizados-que-se-entrecruzam-e-se-comunicam-isabela-camini.html>>. Acesso em: 14 set. 2022.
- CANDIDO, Antonio. **O direito à Literatura**. In: _____. Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 2004.
- CAROLL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas**. [S. l.]: Zahar, 2010. 149 p.
- CASOTTI, Janayna. **Dialogismo e interação em Bakhtin: fundamentos para a prática em sala de aula**. II EEBA- Encontro de Estudos Bakhtinianos, Espírito Santo, p. 5, 09 2013. Disponível em: <https://2eeba.files.wordpress.com/2013/09/dialogismo-e-interac3a7c3a2o-em-bakhtin-ok.pdf>. Acesso em: 27 set. 2022.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23°. ed. São Paulo: Cortez, 1983. Disponível em: <file:///C:/Users/fefef/Downloads/A%20importancia%20do%20ato%20de%20ler%20-%20Paulo%20Freire.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2023.
- GODOY, Arilda. **Uma revisão histórica dos principais autores e obras que refletem esta metodologia de pesquisa em ciências sociais**: Revista de Administração de Empresas, [S.L.], v.35, ed. 2, pág. 57-63, Mar./Abr.1995.
- LARROSA, J. **Experiência e alteridade em educação**. In: Revista Reflexão e Ação, v. 19. n.2, p. 04-27, jul./dez., 2011.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**. [S. l.]: Cortez, 2000. 125 p.

OLIVEIRA, Jany Alfaia de. **PROLAM USP**. Orientador: Prof.Dr.Júlio César Suzuki. 2022. 166 p. Tese (Doutorado em ciências) - USP-SP, São Paulo, 2022. Disponível em:

https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/84/84131/tde-03012023-174902/publico/2022_JanyAlfaiaDeOliveira_VCorr.pdf. Acesso em: 7 set. 2023.

PONZIO, A. **A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2008.

Saussure, F. A natureza do signo linguístico. In. **SAUSSURE, F. Curso de linguística geral**. 20ª edição. São Paulo: Cultrix, 1995.

Searle, J., & Soler, M. (2004). **Lenguaje y ciencias sociales. Diálogo entre John Searle y CREA**. Barcelona: El Roure Ciência

Valentin Volóchinov, **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**, tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo, ensaio introdutório de Sheila Grillo, São Paulo, Editora 34, 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE 1: Avaliação diagnóstica



Avaliação Diagnóstica (Perguntas norteadoras primeira etapa)

Nome: _____ Idade: :

Ano Escolar: : _____ Data:

circule sua resposta para as seguintes perguntas com *S* sendo sempre, *A* sendo às vezes, e *N* sendo nunca.

	Semp re	Às vezes	Nunc a
Eu costumo ir à escola?	S	A	N
Eu costumo estudar?	S	A	N
Eu interajo em grupo?	S	A	N

Eu costumo ler? S A N

circule sua resposta para as seguintes perguntas com *S* sendo sim, *A* e *N* sendo não.

	Sim	Nunca
Eu sei ler?	S	N
Gosta de ouvir histórias?	S	N
Você costuma ouvir histórias?	S	N
Quais? Quem contou?		
—		
Gosta de escrever cartas?	S	N
Já escreveu uma carta?	S	N
Se sim, para quem?		
—		



Avaliação Diagnóstica (Perguntas norteadoras primeira etapa)

Nome: _____ Idade: : 4º Ano

Ano Escolar: : _____ Data: 26/11/22

circule sua resposta para as seguintes perguntas com *S* sendo sempre, *A* sendo às vezes, e *N* sendo nunca.

	Sempre	Às vezes	Nunca
Eu costumo ir à escola?	<input checked="" type="radio"/> S	<input type="radio"/> A	<input type="radio"/> N
Eu costumo estudar?	<input type="radio"/> S	<input type="radio"/> A	<input type="radio"/> N
Eu interajo em grupo?	<input checked="" type="radio"/> S	<input type="radio"/> A	<input type="radio"/> N
Eu costumo ler?	<input type="radio"/> S	<input type="radio"/> A	<input type="radio"/> N

circule sua resposta para as seguintes perguntas com *S* sendo sim, *A* e *N* sendo não.

	Sim	Nunca
Eu sei ler?	<input checked="" type="radio"/> S	<input type="radio"/> N
Gosta de ouvir histórias?	<input type="radio"/> S	<input type="radio"/> N

Você costuma ouvir histórias?

S

N

Quais? Quem contou?

—

Gosta de escrever cartas?

S

N

Já escreveu uma carta?


S

N

Se sim, para quem? *TIA MARCIA*

—

APÊNDICE 3: Avaliação diagnóstica participante B



Avaliação Diagnóstica (Perguntas norteadoras primeira etapa)

Nome: _____ Idade: 13

Ano Escolar: 6º Data: 26/11/2022

circule sua resposta para as seguintes perguntas com *S* sendo sempre, *A* sendo às vezes, e *N* sendo nunca.

	Sempre	Às vezes	Nunca
Eu costumo ir à escola?	(S)	A	N
Eu costumo estudar?	(S)	A	N
Eu interajo em grupo?	(S)	A	N
Eu costumo ler?	S	(A)	N

circule sua resposta para as seguintes perguntas com *S* sendo sim, *A* e *N* sendo não.

	Sim	Nunca
Eu sei ler?	(S)	N
Gosta de ouvir histórias?	S	(N)

Você costuma ouvir histórias?

S

N

Quais? Quem contou?

Gosta de escrever cartas?

S

N


Já escreveu uma carta?

S

N

Se sim, para quem? SIM PARA NICOLE

APÊNDICE 3: Avaliação diagnóstica participante B



Avaliação Diagnóstica (Perguntas norteadoras primeira etapa)

Nome: _____ Idade: : 10

Ano Escolar: : 4º ANO Data: 26/11/2022

circule sua resposta para as seguintes perguntas com *S* sendo sempre, *A* sendo às vezes, e *N* sendo nunca.

	Sempre	Às vezes	Nunca
Eu costumo ir à escola?	<input checked="" type="radio"/> S	A	N
Eu costumo estudar?	S	<input checked="" type="radio"/> A	N
Eu interajo em grupo?	<input checked="" type="radio"/> S	A	N
Eu costumo ler?	S	<input checked="" type="radio"/> A	N

circule sua resposta para as seguintes perguntas com *S* sendo sim, *A* e *N* sendo não.

	Sim	Nunca
Eu sei ler?	<input checked="" type="radio"/> S	N
Gosta de ouvir histórias?	<input checked="" type="radio"/> S	N

●○ REDMI NOTE 8
∞ AI QUAD CAMERA

Você costuma ouvir histórias?

S

N

Quais? Quem contou? MINHA PROFESORA,

Gosta de escrever cartas?

S

N

Sim


Já escreveu uma carta?

S

N

Se sim, para quem? MEU A MIGO

APÊNDICE 4: Avaliação diagnóstica participante C



Avaliação Diagnóstica (Perguntas norteadoras primeira etapa)

Nome: [REDACTED] Idade: : 12

Ano Escolar: : 7º Data: 26/11/22

circule sua resposta para as seguintes perguntas com *S* sendo sempre, *A* sendo às vezes, e *N* sendo nunca.

	Sempre	Às vezes	Nunca
Eu costumo ir à escola?	<input checked="" type="radio"/> S	<input type="radio"/> A	<input type="radio"/> N
Eu costumo estudar?	<input type="radio"/> S	<input checked="" type="radio"/> A	<input type="radio"/> N
Eu interajo em grupo?	<input checked="" type="radio"/> S	<input type="radio"/> A	<input type="radio"/> N
Eu costumo ler?	<input type="radio"/> S	<input checked="" type="radio"/> A	<input type="radio"/> N

circule sua resposta para as seguintes perguntas com *S* sendo sim, *A* e *N* sendo não.

	Sim	Nunca
Eu sei ler?	<input checked="" type="radio"/> S	<input type="radio"/> N
Gosta de ouvir histórias?	<input checked="" type="radio"/> S	<input type="radio"/> N

●○ REDMI NOTE 8
∞ AI QUAD CAMERA

Você costuma ouvir histórias?	<input checked="" type="radio"/> S	<input type="radio"/> N
Quais? Quem contou?	3 PORQUINHO	
	MEUS PROFESSORES	
Gosta de escrever cartas?	<input checked="" type="radio"/> S	<input type="radio"/> N
Já escreveu uma carta?	<input checked="" type="radio"/> S	<input type="radio"/> N
Se sim, para quem?	PAPAI NOEL	

APÊNDICE 5: Quadro 2- Cronograma

4 ANÁLISE	Execução
4.1 Avaliação Diagnóstica Visita do dia 26 de novembro de 2022	<ul style="list-style-type: none"> - Perguntas - Apresentação da interlocutora e da obra utilizada
4.2 LEITURA 3.3.1 Primeiro dia Visita do dia 3 de outubro de 2022	<ul style="list-style-type: none"> - Leitura dos capítulos 1, 2, 3, 4, e 5 - Escrita primeira carta
3.4 LEITURA 3.4.1 segundo dia Visita do dia 5 de Janeiro de 2023	<ul style="list-style-type: none"> - Respostas das Cartas - Recapitular Leitura dos capítulos: 6, 7 e 8 - Escrita 2 carta
3.5 LEITURA 3.5.1 Terceiro dia Visita do dia 21 de Fevereiro de 2023	<ul style="list-style-type: none"> - Recapitular capítulos - Leitura dos capítulos: 9, 10, 11 e 12 - Desenho final e entrega dos livros